


Prevenir, sempre melhor que remediar

Não existe mágica: prestar atenção no que se gasta e economizar ainda são a receita da tranquilidade financeira

Para ter estabilidade financeira no futuro, as pessoas precisam aprender desde cedo a lidar com dinheiro de maneira equilibrada. Esta é a premissa da inclusão da disciplina de Educação Financeira para alunos de 1ª a 8ª séries das escolas públicas de Brasília, a partir do próximo ano. “Esse projeto ganhou aos poucos apoios importantes da imprensa e de políticos. Veja, por exemplo, como o nosso dinheiro, pago sob a forma de impostos, é aplicado. Não deveríamos precisar pagar por uma previdência privada, por convênios de saúde, por escolas particulares: já pagamos por isso ao Estado. É dever dele, é artigo constitucional. Mas isso acontece porque nós, brasileiros, não exercemos nossos direitos. Indivíduos que tenham desde cedo as noções básicas de finanças estarão mais conscientizados, cobrarão mais”, ressalta o consultor financeiro Cláudio Boriola, especialista em economia doméstica e direitos do consumidor.

Mesmo depois de mais não modificou alguns



Segundo ele, a onda de consumismo, especialmente na sociedade atual, é muito grande. Não fomos estimulados a poupar. “Nos tempos da inflação desenfreada, a mensagem que recebíamos constantemente era: gaste logo seu dinheiro; o que você não comprar agora estará muito mais caro amanhã. Poupar não era uma boa opção.”

A isso se acresce o fato de que as instituições financeiras estavam antes expostas a uma fragilidade muito maior: bancos quebravam, pecúlios se esfarelavam. Aplicar no mercado financeiro era arriscado. A inflação crescia exponencialmente, atingindo índices inimagináveis. Como conseguíamos viver nesse cenário? É o que as pessoas se perguntam.

Alguns vícios ainda permanecem, mesmo depois de 12 anos de estabilidade econômica. O hábito de comprar por impulso, de fazer prestações, de endividar-se é difícil de ser quebrado. “Segundo o IBGE [*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*], 42 milhões de famílias sofrem de endividamento crônico. A população endividada de alguma forma chega a 80%. A economia brasileira vai muito bem, obrigado, tivemos uma amortização da dívida junto ao FMI [*Fundo Monetário Internacional*], o chamado Risco Brasil caiu drasticamente. Mas aqui, internamente, a população está pagando um alto preço”, diz Boriola.

Multiplicando as economias

A chave é o planejamento financeiro. A antiga receita de nossos avós ainda vale: não se pode gastar mais do que se ganha. O filósofo e humorista Millôr Fernandes já disse que “uma pessoa se torna adulta quando começa a gastar mais do que ganha”... Para o consultor, “somos uma fábrica de dívidas, de consumo. Muita gente acaba caindo em armadilhas financeiras por falta de informação. Fazer uma reestruturação de seus gastos é um ponto de partida para saber como colocar suas pendências em dia”.

Anotando todas as despesas feitas num determinado mês – desde o cafezinho até aquela tarde no

bingo, passando pelo cinema e o barzinho no fim de semana – é possível descobrir onde está o “vazamento”. A partir daí, tudo fica mais claro. Dá para segurar as despesas desnecessárias, evitar aquela “liquidação imperdível” que está vendendo coisas de que você realmente não precisa e pensar em procurar aquelas com artigos que iria mesmo adquirir. O gaúcho Louis Frankenberg, autor de diversos livros sobre planejamento financeiro, aconselha que as pessoas criem o hábito de poupar, reservando, todos os meses, uma parte do salário.

E o que fazer com o que, afinal, foi economizado? As aplicações mais comuns no mercado são a Cadermeta de Poupança, o Certificado de Depósito Bancário (CDB), o Recibo de Depósito Bancário (RDB) e os Fundos de Investimento. Sim, toda aplicação financeira está sujeita a riscos – exceção feita à tradicional Poupança. Para reduzi-los, deve-se procurar informações sobre o tipo de aplicação, a instituição financeira e as variáveis econômicas que podem influenciar o resultado esperado. Geralmente, os rendimentos são maiores nas aplicações de maior risco.

Boriola fez as contas. “Se todo mês uma pessoa colocar R\$ 300,00 numa aplicação simples, que renda 1% de juros, em 30 anos ela terá R\$ 1,183 milhão”. É ou não é uma bela aposentadoria? Para quem tem 30 ou 40 anos, essa é uma receita e tanto para passar a velhice onde e como bem entender...

A Cadermeta de Poupança, ainda procurada por muitos, tem um rendimento baixo: menos de 1% ao mês. É, porém, uma boa opção, segundo o consultor. “Sem dúvida, é uma alternativa muito melhor que investir em imóveis. Houve uma época em que o sonho de muita gente era poder comprar umas duas ou três casinhas e viver mais tarde da renda dos aluguéis. Hoje isso não se sustenta. Esse rendimento está baixo, ninguém consegue vender um bem no momento em que precisa do dinheiro. Já a Poupança é simples, segura, tem liquidez imediata”.

de uma década de estabilidade econômica a população ainda
hábitos de consumo adquiridos à época da inflação

Há ainda um raciocínio interessante feito por Boriola: "Todos sabem que os lucros dos bancos são altíssimos. Muita gente considera isso injusto e até se revolta. Mas, se você não pode com eles, por que não se torna sócio deles? Se estão ganhando, é possível ganhar junto, investindo nas suas instituições. O Bradesco, em seu último balanço, lançou um lucro líquido de R\$ 5,5 bilhões. O lucro dos bancos e de outras empresas com cotação na Bolsa de Valores vai para seus legítimos donos, os acionistas, que recebem no mínimo 25% do obtido. No caso do banco citado, R\$ 1,37 bilhão são dividendos, direcionados às pessoas que investiram em ações diretamente ou através de Clubes de Investimento. Investir em ações, embora não seja tão seguro quanto aplicar na Poupança, traz os melhores rendimentos do mundo".

Clubes de Investimento

Há poucos anos a imprensa mostrou, encantada, um grupo de mulheres idosas norte-americanas que aplicavam muito bem o dinheiro de suas aposentadorias: formaram um Clube de Investimentos e, além de administrar suas finanças, ainda fizeram disso um *hobby* lucrativo e imitado. No panorama inseguro do Brasil pré-Plano Real, isso soava como uma fantasia distante, mas hoje já é uma idéia que não pode ser desprezada. Os Clubes de Investimento permitem que alguém participe do mercado de ações de forma muito simples. A Bovespa, Bolsa de Valores do Estado de São Paulo, ensina:



Photo: Infogest

Boriola: "Se todo mês uma pessoa colocar R\$ 300,00 numa aplicação simples, que renda 1% de juros, em 30 anos ela terá R\$ 1,183 milhão"

pessoas que têm objetivos em comum, como professores, metalúrgicos, donas-de-casa, médicos, aposentados, entre outros.



O segundo passo é definir a quantidade e o valor de cada cota do Clube. Os participantes decidem quantas cotas cada um vai comprar – e quanto dinheiro vai investir. Pelas regras, ninguém pode ter mais de 40% das cotas.



Preparar o estatuto do Clube junto a uma corretora.



Os membros do Clube decidem onde o dinheiro vai ser aplicado, com a assessoria da corretora, que realiza a transação. De tempos em tempos o Clube

de Investimentos faz uma assembléia para decidir as novas estratégias de aplicação.

Com menos exigências de controles, os custos dos clubes são reduzidos, em comparação aos fundos de investimento. A manutenção também é barata e simples, e qualquer pessoa pode aplicar, mesmo que não tenha grandes recursos. O número mínimo de participantes é três e o máximo 150. Aplicando-se em clubes, cria-se o hábito de investir mensalmente.

Dessa forma, os investidores conseguem fazer com que suas aplicações mantenham-se teoricamente na média, o que é importante considerando que não é possível prever o melhor momento de investir. Além disso, os Clubes de Investimento permitem, em princípio, que os envolvidos participem diretamente da sua gestão, o que, embora demande tempo e exija uma certa disciplina, constitui excelente forma de aprender como funciona o mercado.

Poupe, discipline-se, invista – e comemore sua aposentadoria com muito champanhe. Francês, que você merece! ■



Chame os amigos e crie um Clube. Ele pode ser criado por empregados de uma mesma entidade ou empresa ou, ainda, por um grupo de